



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

IFG
faz
CIÊNCIA

REPORTAGEM 1

POÉTICAS OLFATIVAS

POÉTICAS OLFATIVAS: UMA TEORIA QUE NASCE NO IFG

PESQUISA SOBRE A OBRA DE TRÊS AUTORES GOIANOS UNE MEMÓRIA OLFATIVA E GEOPOESIA, NUMA PERSPECTIVA TEÓRICA INÉDITA



Pode o aroma desprender-se da escrita, de uma imagem ou de outro signo de linguagem? A pergunta aparentemente de difícil resposta será respondida facilmente a partir da ideia de “poéticas olfativas”, que une poesia e olfato, com a mediação da memória. A teoria inédita é uma criação do professor Lemuel da Cruz Gandara, doutor em literatura e professor do Câmpus Formosa do IFG.

A partir de sua “ideia teórica e prática em progresso”, Lemuel ministrou três oficinas no Câmpus Formosa e, depois delas, veio o projeto de pesquisa “O aroma das palavras: memórias olfativas na geopoesia goiana”, que analisou a poesia de três autores goianos: Augusto Niemar, Cora Coralina e José Godoy Garcia, respectivamente, nas obras Poemas da rua do fogo, Meu livro de cordel e Poesias.



Professor Lemuel com estudantes que participaram de suas oficinas e seu material que provocou o despertar do sentido olfativo.

O projeto foi desenvolvido entre 2020 e 2021. Juntaram-se a Lemuel os estudantes Karla Patrícia Soares e Mateus Guedes Borges. Ela era aluna do curso de Ciências Biológicas; ele, do curso de Ciências Sociais. Ela era bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic); ele, aluno voluntário na pesquisa, que contou também com a coorientação da professora Ana Paula Melo Saraiva Vieira.

Os pesquisadores revelaram o encontro entre a literatura e o sentido do olfato em poemas dos autores. E afirmam que, por meio das palavras, os poetas fazem surgir lembranças

elas se passam em cidades do estado de Goiás e são escritas por autores que viveram a experiência goiana, com seus sabores e fragrâncias”, afirmam os pesquisadores no relatório da pesquisa.

MEMÓRIA

Além de enfatizar a importância do olfato, os pesquisadores também ressaltam o papel imprescindível da memória para as poéticas olfativas. “A memória que temos constitui uma herança da experiência vivida e pode ser acionada por diversos meios sensoriais. [...] essas memórias surgem nos textos através da gastronomia, da fauna, da flora, dos perfumes e aromas traduzidos enquanto palavras nos textos. Dessa maneira, as poéticas olfativas surgem na obra a partir da memória. É justamente esta que monta um panorama de aromas goianos, da experiência de sujeitos líricos imersos nesse ambiente”, explicam.

No relatório da pesquisa, os pesquisadores afirmam que “Garcia, Niemar e Coralina nos fazem cheirar o cerrado do povo goiano, das pessoas que trabalham no sol a pino do meio-dia, dos mascates, dos caminhoneiros, do prazer sexual entre geraldos e jerusas, da terra, dos frutos, das flores e das madeiras do espaço geográfico centro-oestino.”

E, numa demonstração de valorização do olfato, concluem que: “Se este estudo fosse um perfume, as notas de entrada seriam cítricas (cajus e laranjas), as notas de coração seriam floral oriental (rosas, flores e café) e, por fim, as notas finais seriam baunilha, madeiras e almíscar com civeta sintéticos; como elementos organizador, teríamos um âmbar solar que ligaria os caminhos dessa fragrância que poderia ser nomeada Sob o céu do cerrado.”

“(...) por meio das palavras, os poetas fazem surgir lembranças dos mais variados aromas (...)”

dos mais variados aromas, do cheiro da terra ao dos doces típicos do estado. Percorrendo os poemas, com a razão e com os sentidos aguçados, eles demonstraram que a memória olfativa está presente na geopoética goiana.

“Coralina se envereda pelos doces e panificação, pelo fumo e pelas rosas; Garcia transita na terra molhada, nas tabacarias e nos charcos; Niemar se envereda nos doces, nas roupas recém-lavadas e no pequi.

As obras oferecem um ambiente olfativo peculiar possível no horizonte tanto físico quanto estético geopoético goiano, visto que

BUSCA TEÓRICA A PARTIR DA PRÁTICA DO CONHECIMENTO

A teoria das poéticas olfativas, criada pelo professor Lemuel da Cruz Gandara, segundo ele mesmo explica, surgiu a partir da necessidade de buscar uma abordagem científica para o encontro entre literatura e perfumaria. Os primeiros passos foram dados nos anos de 2019 e 2020, com a realização de três oficinas práticas, no Câmpus Formosa do Instituto Federal de Goiás (IFG).

A primeira delas, intitulada “Poéticas olfativas e aromas”, aconteceu em junho de 2019, durante o 3º Encontro Regional Socioambiental do Cerrado. A segunda foi realizada durante a semana de integração e recepção aos estudantes do câmpus, em fevereiro de 2020, e abordou a ligação entre “Perfumaria, cinema e literatura”. A terceira oficina, “Poéticas sensoriais e linguagens: escrita criativa, leitura e perfumaria”, ocorreu durante a comemoração do Mês das Mulheres, também em 2020.

Nas oficinas, os participantes fizeram reflexões teóricas e tiveram experiências imersivas no universo dos aromas, das matérias-primas e dos perfumes. “Elas despertaram o interesse em muitos alunos. Para citar um exemplo, temos mulheres adultas na educação de jovens e adultos (EJA) que vendem perfumes e outros produtos cosméticos. Foram elas que pediram a terceira oficina”, conta Lemuel.



AUTONOMIA NA FORMA DE VER E TEORIZAR O MUNDO

DUAS PAIXÕES SE ENTRELAÇAM NAS PESQUISAS DO PROFESSOR LEMUEL DA CRUZ GANDARA: A LITERATURA E A PERFUMARIA.

A literatura está presente em toda a sua trajetória acadêmica e na vida, porque ele também é poeta. A perfumaria, que corria paralelamente em estudos sobre perfumes e aromaterapia, juntou-se à literatura a partir da teoria das poéticas olfativas.

“Eu sempre gostei da pesquisa teórica, mas no Centro-Oeste acabamos reproduzindo o que é estudado no eixo Rio-São Paulo. Eu não queria isso, porque também sempre acreditei que, a partir da nossa experiência individual, podemos chegar a uma forma autônoma de ver e o teorizar o mundo”, afirma.

No IFG, Lemuel encontrou espaço para fazer propostas novas, como a realização de oficinas sobre aromas, e condições técnicas e materiais para propôr e desenvolver sua pesquisa sobre as poéticas olfativas.

No projeto desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), ele pôde utilizar seus conhecimentos em perfumaria para aprofundar os estudos sobre o sentido do olfato e sobre como os aromas afetam as emoções. O passo seguinte foi buscar nos textos

literários de autores goianos a memória olfativa que tanto afeta as emoções.

A escolha dos autores a serem estudados deu-se sob três perspectivas: autores goianos; autores consagrados e pelo menos um contemporâneo; uma mulher. Cora Coralina foi a escolha mais fácil: poeta consagrada, inserida na geopoésia goiana e com uma experiência olfativa (e gustativa) grande, por ter sido também doceira.

Augusto Niemar foi escolhido por ser um poeta e escritor contemporâneo, em plena atividade, que fala das memórias de Goiás e da família. E José Godoy Garcia, um poeta e escritor consagrado, que fala das frutas, do trabalho, da vida cotidiana e da gente da terra.

Depois do projeto “O aroma das palavras: memórias olfativas na geopoésia Goiana”, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), Lemuel publicou o artigo “Poéticas olfativas na geopoésia de Goiás: imagens gourmandes em O prato azul-pombinho, de Cora Coralina”, na revista Territórios culturais, fronteiras e tradução (2021), da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

INTERESSE, IDENTIFICAÇÃO E DESCOBERTA

ENTREVISTAMOS ESTUDANTES QUE PARTICIPARAM DO PROJETO DE PESQUISA
"O AROMA DAS PALAVRAS: MEMÓRIAS OLFATIVAS NA GEOPOESIA GOIANA"

Participar do projeto de pesquisa "O aroma das palavras: memórias olfativas na geopoesia Goiana" foi uma experiência enriquecedora e impactante para os estudantes Karla Patrícia Soares e Mateus Guedes. Eles afirmam que tiveram de mergulhar em áreas distintas do conhecimento para poder comprovar que elas podem, sim, estarem conectadas e que passaram a ler poesia buscando as emoções dos sentidos.

"(...)nunca tinha pensado nessa questão da memória olfativa. Então estava diante de uma nova perspectiva"

Karla conta que, na época da pesquisa, era estudante do curso de Ciências Biológicas e que se interessava por aromaterapia. Mas não passava pela sua cabeça unir a Biologia e a Literatura, até participar da primeira oficina ministrada pelo professor Lemuel da Cruz Gandara e, depois, se convidada para desenvolver o projeto de pesquisa.

"Eu não conhecia essa possibilidade de trabalhar áreas distintas em um mesmo projeto. Já tinha desenvolvido uma pesquisa sobre plantas medicinais, mas nesse projeto o orientar me deixou livre para eu me expressar e para sentir que eu era capaz. O professor Lemuel é encantador. Ele vê a beleza das coisas", elogia.

Mateus Guedes, estudante do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, identificou-se com o projeto e quis participar da pesquisa, mesmo não tendo uma bolsa de iniciação científica. "Gosto muito de Literatura, mas nunca tinha pensado nessa questão da memória olfativa. Então estava diante de uma nova perspectiva", lembra.

Ele conta que gosta de ler desde criança e que teve influência da mãe, da irmã e de amigos. Mas dos autores estudados, conhecia apenas Cora Coralina. Já Karla confessa que não tinha o hábito de ler poesias e também conhecia apenas a poeta da cidade de Goiás, onde sua mãe viveu e conheceu pessoalmente Cora Coralina.

MUDANÇA

Depois da pesquisa, Karla passou a ler poesias com regularidade e diz ter ficado muito próxima de Mateus, que segue sendo um leitor contumaz. "Foi uma época de muitas descobertas. Hoje, eu vejo o belo nas poesias e até troco poemas com outras pessoas", conta.

"(...) a poesia não precisa ser/ estar restrita às palavras (...)"

Mateus, que também é fotógrafo, diz que viu um mundo de possibilidades se abrir com a pesquisa. "Eu posso misturar as imagens com outros sentidos, além do da visão. E a poesia não precisa ser/estar restrita às palavras. Podemos aguçar nossos sentidos e chegar a uma verdadeira expansão sensorial", entusiasma-se.

Os dois lembram que o projeto "O aroma das palavras: memórias olfativas na geopoesia Goiana" foi desenvolvido durante a pandemia de Covid-19, o que gerou dificuldades, como uma interrupção nos trabalhos e a impossibilidade de encontro presenciais. Mas ambos ficaram orgulhosos do resultado.

"Eu me tornei uma referência no Câmpus Formosa, o que me deixou muito lisonjeada", afirma Karla. "A teoria das poéticas olfativas é muito pertinente. Eu tenho um amigo que é deficiente visual e ele sempre teve essa perspectiva. Ela precisa é de ser mais difundida", assegura Mateus.

Ele está elaborando o seu trabalho de conclusão de curso (TCC), e atualmente é bolsista de um projeto do Câmpus Formosa sobre políticas públicas para a juventude. E já sonha com o mestrado.

Ela teve de trancar o curso de Ciências Biológicas quando estava no 6º período. Começou a trabalhar na área de tecnologia da informação e está estudando desenvolvimento de sistemas. Mas sonha em voltar à Biologia. "Fui para a área de TI para me tornar uma profissional mais rapidamente. Vou terminar a faculdade e estou estudando para concursos. Assim que for possível, volto, porque sou apaixonada por Botânica", diz.



Estudantes participando da oficina do professor Lemuel

OS POEMAS E SEUS AROMAS

AUGUSTO NIEMAR

I
plantar café, grão, no quintal
perto do rio, aguar, aguar, cas
própria mão e ver deixar crescer
quando vermelhinho de madurar
deixar madurecer e colher café
na sustentabilidade de ser

II
e quando, bate palma, ô de dentro,
vai entrado em comunhão
torrar moer deixar a água ferver
na prosa do dia notícias do viver
e o cheiro de café coado da cozinha
correndo mundo na casa de ser
[...]

/// O café plantado, cuidado e maduro delimita o espaço temporal do ser. O sujeito do poema acompanha o fruto aromática e estimulante, bem como um dos cheiros que fazem parte da mesa do brasileiro. Depreendemos um ambiente olfativo fundamentado no café recém-colhido, semeado com afeto e traduzido enquanto poema. O texto do poeta caminha para esse lugar do afeto com os frutos da terra. Nesse sentido, o café proporciona cheiros encontrados no cerrado do povo, no cerrado dos humildes, longe das plantações e das queimadas, dentro das casas que recebem amigos. A terra e seus aromas se confundem com os sujeitos dos poemas ou mesmo se fundem com eles."



OS POEMAS E SEUS AROMAS

CORA CORALINA

É meio-dia
a sombra está marcando.
O sol num desafio de luz
fustiga a poeira da estrada.
Silêncio no sítio.
Um galo canta longe.
Distante, um corno de ponteiro.
Boiadeiro vem vindo devagar...
Os homens lá no eito
relanceiam enxadas.
O milharal chama Dorva.
O cheiro da terra chama.
[...]

// O poema tem uma marcação temporal fundamentada na natureza e no ritmo da vida das pessoas que trabalham no campo. O sol, o galo, o boiadeiro e dona Dorva traduzem em seus atos ao meio-dia a passagem do tempo. Não é o tempo do relógio, é o tempo do existir. Ao final do trecho, lemos que "o cheiro da terra chama", é uma imagem que alude a algumas possibilidades, sendo a mais contundente a do trabalho, pois cada um dos personagens é alocado em um fazer pós-almoço. Depois desse momento, o silêncio toma o sítio, pois as enxadas voltam a furar a terra, Dorva colhe o milho, o galo canta e o sol inicia seu caminho para a madrugada. O cheiro da terra é o cheiro do fazer campesino."

O prato azul-pombinho

Era um prato original,
muito grande, fora de tamanho,
um tanto oval.

Prato de centro, de antigas mesas senhoriais
de família numerosa.

De faustos casamentos e dias de batizado.

Pesado. Com duas asas por onde segurar.

Prato de bom-bocado e de mães-bentas.

De fios de ovos.

De receita dobrada
de grandes pudins,
recendendo a cravo,
nadando em calda.

Do meu tempo só foi mesmo
aquele último
que, em raros dias de cerimônia
ou festas do Divino
figurava na mesa em grande pompa,
carregado de doces secos, variados,
muito finos,
encimados por uma coroa
alvacenta e macia
de cocadas-de-fita.

“O prato familiar era histórico. A narrativa poética se concentra em contar tanto a história do utensílio quanto da imagem em seu interior. Para nossa ideia, o primeiro é o foco principal. Nos dois fragmentos, temos acesso a uma série de doces típicos da confeitaria da Cidade de Goiás (mas não exclusivos): bom-bocado, mãe-benta, fio de ovos, pudim com calda de cravo, doces secos e cocadas de fita. A combinação de notas que exalam desses doces remete à memória do açúcarado, da sobremesa, das festividades, da alegria da espera e do encontro, dos almoços e jantares em famílias numerosas no casario da cidade.”



OS POEMAS E SEUS AROMAS

JOSÉ GODOY GARCIA

A VIDA DAS LARANJAS

Era uma estrada por onde passavam
todas as laranjas da região.
passavam para a cidade, a alegre
cidade onde os mendigos sabiam
atender a visitantes com aplombe
e a que vagabundos observavam
a vida de um ângulo irreal
e acordavam de madrugada
para ver nascer as rosas vermelhas.
Em certas épocas de estios demorados
ah, tanto os mendigos como os vagabundos
pensavam na vida das laranjas.

// Os cinco poemas nos apresentam uma atmosfera olfativa cítrica, orvalhada, com flores, rosas, terra e madeiras. Essas camadas são envolvidas por uma nota animália com nuances de fluidos sexuais. Nosso interesse é pela sinestesia do conjunto. Temos em mira que Garcia se preocupa com a vida do camponês e com a estratificação que tanto este quanto o próprio Cerrado sofrem em razão dos interesses latifundiários, com suas vastas plantações e criações de gado no planalto central.

Os dois primeiros poemas se estruturam na laranja, que aparece já no título. A construção 'eram os caminhos por onde passavam as laranjas da região' está presente em ambos e nos abre interpretações possíveis sobre o deslocamento da colheita das laranjas por entre estradas que cortam os laranjais. Os frutos colhidos eram distribuídos para outros lugares através desses caminhos que ora servem de escoamento ora apresentam as laranjas paradas em seus galhos a observar a passagem dos caminhões.



A LARANJA PARADA OLHANDO

A laranja
ela estava parada olhando se equilibrando em si mesma
se dizendo e se mostrando sex appeal
só apenasmente com a casca da vida brilhando ao sol
e Manuel indo os seus caminhos
acreditou um que dia que seria melhor que os homens
fossem menos orgulhosos
e aprendessem com o dia
e Manuel disse à Jerusa na estrada
que ela era mais bonita que todas as laranjas,
quando Jerusa, humilde, respondeu: nunca,
sou minha beleza e minha bondade
mas apenas um só dia na vida das laranjas
tem a mesma dignidade que eu tenho.

(...) Os sujeitos que habitam os poemas estabelecem uma relação íntima e refrativa com os frutos. No primeiro, os mendigos e os vagabundos se põem a pensar na vida das laranjas (semeadura, crescimento, colheita e morte através da doação do seu sumo). No segundo, existe uma nuance erótica que acompanha o casal Manuel e Jerusa, que comparam suas vidas com a das laranjas. Os óleos essenciais e a fragrância característica do fruto estão guardados, sobretudo, em seus poros, que, metaforicamente, podem ser lidos como a pele humana a exalar seus odores e suores que pode ser na lavoura ou no ato de prazer sexual.

O TEMPO DE COLHEITA DOS CAJUS

Outubro é o tempo da colheita dos cajus do campo.
mas como? como se há de ir ao campo para a colheita?
como? se o coronel e o general estão tocando
o tanque de reunir de seu rebanho
para rondar as casas e as ruas e os campos?

MEDO

A terra tem cor de sangue.
A terra não é feliz.
A terra tem cheiro de pântano.
A terra não é feliz.
As crianças são como as mulheres desenganadas.
Não são felizes.

(...) Outro fruto cítrico retomado pelo poeta é o caju silvestre do campo. Ele surge interdito pelo coronelismo patriarcal dos fazendeiros goianos é o tema do poema O tempo de colheita dos cajus. O cajuzinho-do-cerrado não brota mais, em seu lugar surgem pastos que matam o bioma cerrado. Além disso, o homem do campo (não o fazendeiro) é perseguido e tem sua liberdade condicionada ao coronel, ao general. O aroma adocicado do fruto contrasta com o amargor da cena, é um cheiro interrompido e evanescente. O poema Medo parece continuar a triste cena. Nele, a terra tem cor de sangue e cheiro de pântano (decomposições) traduzindo sua infelicidade.





ENXADAS

O sol vinha com as espigas rindo e as estrelas nas flores encardidas. a terra vinha se abrindo ao amor forte das frutas mordidas. à madrugada, gestando néctar, madeiras recém-mortas orvalhadas precipitando resinas. Alegres falos prontos a captar a vitalidade de vulvas molhadas. A fria envolvência de mil corpos no chão, troncos, águas, lãs do céu, vida renascendo em frutos mortos, decomposição de húmus presente, hora terrena rompendo o véu que acorda sonho. O suor aparece antes do sonho: o servo e sua mulher surgem na manhã com suas enxadas. as sementes, na terra.

(...) Enxadas é o poema sumular de Garcia para as poéticas olfativas. A atmosfera é composta por notas frutadas, flores, madeiras mortas orvalhadas, resinas, animálicas. É um perfume que emoldura o ato sexual que ocorre antes do sono reparador que descansa o corpo do trabalhador que, no dia seguinte, fecundará a terra. As imagens fálicas surgem desde o título erigidas, pronta para penetrar na terra, penetrar na vulva, plantar a semente que continuará a sina de nascer e morrer. No poema, os frutos, as flores e as madeiras estão mortos e em decomposição; apesar disso, a tônica final é de renascimento, como se a morte tivesse vocação para a vida."



AUGUSTO NIEMAR

Augusto Rodrigues da Silva Júnior é poeta, escritor, ensaísta e professor associado de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.

Coordenador da Cátedra Agostinho da Silva (UnB), cursou pós-doutorado em Literatura no programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP/2021). É doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2008) e mestre pela Universidade Federal de Goiás.

Como professor e pesquisador, desenvolve trabalhos nas áreas de Literatura Comparada; Literatura e Outras Artes; Tanatografia; Geopoesia; Literatura de Campo; Estudos da performance; Artes Cênicas; Tradução. Criador da Tanatografia, atua com os conceitos autorais de Crítica Polifônica; Tradução coletiva; Cinema literário; O Problema do Hífen Colonial, Teatro de Terreiro, Etnoflânerie, Cultura Popular Quilombola (Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil).

Publicou os seguintes livros de poesia:

Niemar (2008);

Onde as ruas não têm nome. (2010);

Do livro de Carne (2011);

Centésima Página (2015);

Poemas da rua do fogo. (2019).

Publicou também as obras infanto-juvenis Joãozinho e o pé-de-pequi (2017); e Era uma vez uma vez outra vez (2018).



CORA CORALINA

Cora Coralina é o pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto, que nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, e faleceu em Goiânia, no dia 10 de abril de 1985, vítima de uma pneumonia. Estudou apenas até o terceiro ano do atual ensino fundamental, mas já na adolescência começou a escrever.

Aos 15 anos, teve seu primeiro conto publicado, sob o pseudônimo de Cora Coralina. Fugiu e casou-se com o advogado Cantídio Tolentino Bretas, com quem morou em diversas cidades, incluindo Rio de Janeiro (RJ) e Avaré (SP). Tiveram seis filhos, dos quais dois morreram logo após o parto.

Ficou viúva em 1934 e morou em inúmeras cidades paulistas, incluindo a capital e Jaboticabal, cidade-tema de alguns de seus poemas. Em 1956, voltou para a cidade de Goiás e ganhou fama como doceira.

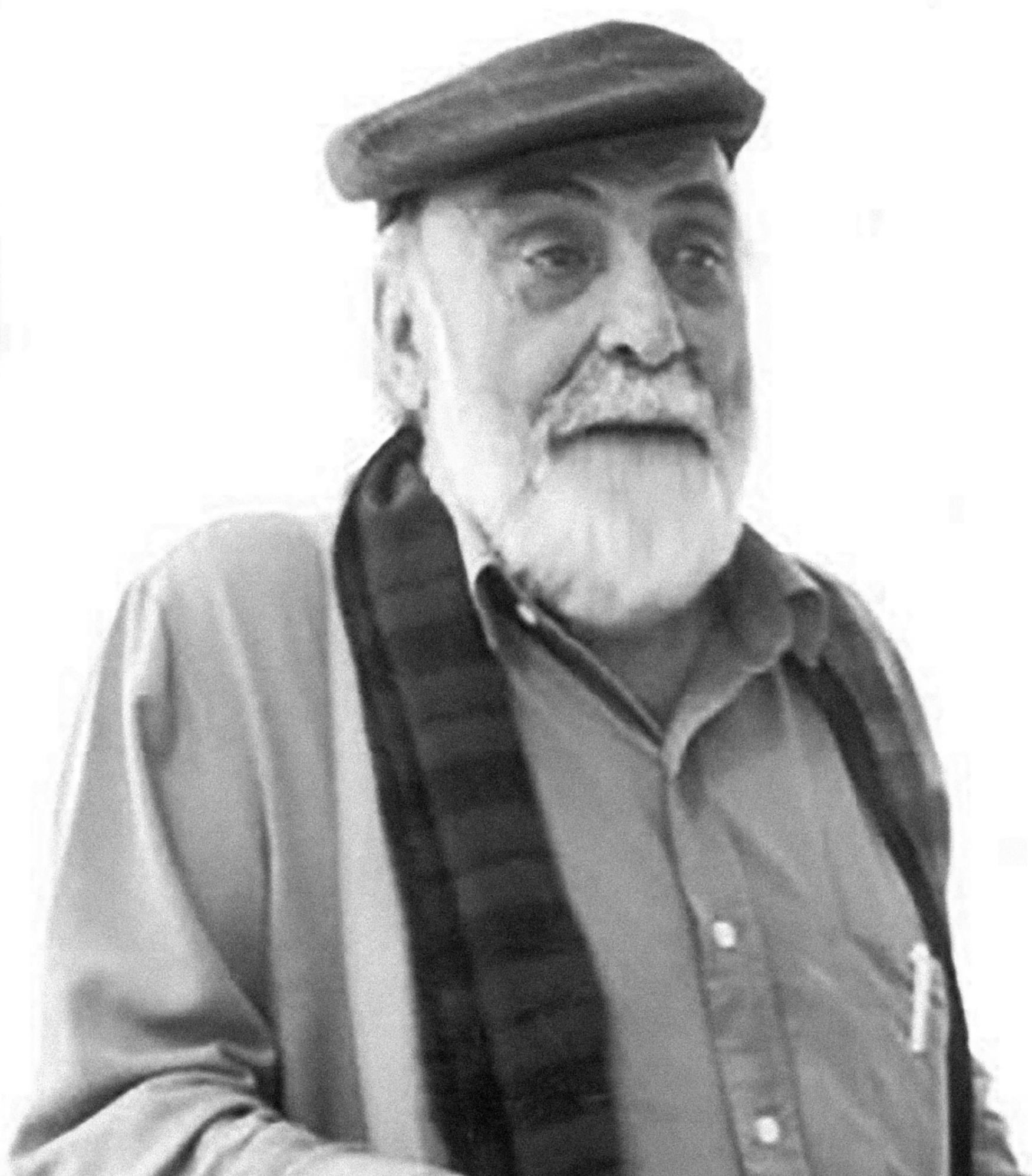
Seu primeiro livro publicado foi Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais (1965), quando ela tinha 75 anos. Publicou também:

Meu Livro de Cordel (1976);

Vintém de Cobre - Meias confissões de Aninha (1983);

Estórias da Casa Velha da Ponte (1985).

Em edições póstumas, foram publicados ainda os livros Meninos Verdes (1986); Tesouro da Casa Velha (1996); A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu (1999); Villa Boa de Goyaz (2001); O Prato Azul-Pombinho (2002).



JOSÉ GODOY GARCIA

Nasceu em Jataí, em 3 de junho de 1918, e faleceu em Brasília (DF), no dia 20 de junho de 2001, vítima de um infarto. Escritor e advogado, iniciou os estudos em Uberlândia (MG), depois transferiu-se para a Cidade de Goiás e para Goiânia, onde concluiu o curso de Direito (1948).

Passou três anos no Rio de Janeiro (de 1937 até início de 1941), onde manteve contato com modernistas, principalmente Lúcio Cardoso, Rubem Braga e Solano Trindade.

Participou, como assessor jurídico, da Comissão Goiana para a Mudança da Capital e transferiu-se para Brasília em 1957. Marxista convicto, militou no Partido Comunista Brasileiro de 1945 a 1957.

Publicou os seguintes livros de poemas:

Rio do Sono (1948)

Viramundo (1980);

Aqui É a Terra (1980);

Entre Hinos e Bandeiras (1985);

Os Morcegos (1987);

Os Dinossauros dos Sete Mares (1988);

O Flautista e o Mundo Sol Verde e Vermelho (1994);

A Última Nova Estrela (1999)

Poesia (1999).

Publicou também o romance Caminho de Trombas (1966); o livro de contos Florismundo Periquito (1990) e o livro de crítica literária, Aprendiz de Feiticeiro (1997).



PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA: IFG FAZ CIÊNCIA

**Reportagem "Poéticas Olfativas:
uma teoria que nasce no IFG"**

MARIA JOSÉ BRAGA

Jornalista da Dicom

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

ISABELA MAIA MARINHO

Designer da Dicom

Revisão

ADRIANA SOUZA CAMPOS

MARIA JOSÉ BRAGA

PAOLA NUNES DE SOUZA